

A SOCIEDADE DE TRABALHADORES SEM TRABALHO O ANIMAL LABORANS E O HOMO FABER NO MERCADO DE TROCAS

Edna Maria CAMPANHOL*

Elizabeth Regina Negri BARBOSA**

- **Resumo:** O artigo aborda uma reflexão sobre a questão do trabalho, a partir da obra *A Condição Humana*, escrita por Hannah Arendt, em 1958, mostrando a atualidade da discussão sobre *labor e trabalho* em um momento em que ocorrem profundas e fundamentais transformações no mundo do trabalho.
- **Palavras-chave:** Trabalho; Labor; Consumo; Utilidade; *Animal Laborans*; *Homo Faber*.

Hannah Arendt, filósofa e pensadora política, nascida na Alemanha em 1906, escreveu, em 1958, *A Condição Humana*, obra que trata de conceitos ligados às atividades do labor, do trabalho e da ação.

Não esquecendo que, para Hannah, a ação é a “única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria” (Arendt, 1995, p.15), nesse artigo traçaremos uma reflexão somente sobre as concepções de labor e trabalho.

A nova dimensão sobre trabalho, na obra de Hannah Arendt, transcende às formas registradas na literatura clássica dos grandes pensadores.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Serviço Social: Trabalho e Sociedade. Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP – Franca-SP. Profa. da FACEF-Franca. Profa. da Uni-Mauá. Rib.Preto.

** Mestranda do Programa de Pós-graduação em Serviço Social: Trabalho e Sociedade. Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP – Franca-SP.

A distinção a que se propõe, com relação ao labor e o trabalho, surge como inovação teórica, que tem na fenomenologia e etimologia suas evidências e o arcabouço de suas fundamentações. Analisa, em todo o conteúdo de linguagem, o emprego das duas palavras e considera que ambas são usadas erroneamente como sinônimos.

Para se conceituar algo, antes de tudo, há a necessidade da real compreensão e conhecimento de sua estrutura. "Captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como, ao mesmo tempo, nele se esconde". (Kosík, 1963, p.12). É nessa afirmativa que se pode considerar que Hannah Arendt erigiu, através de minucioso estudo, a sua proposição teórica sobre o labor e o trabalho.

Para a concepção que nos coloca a grande filósofa, há que se distinguir o que o homem transforma enquanto ser biológico (labor), daquilo que ele produz materialmente (trabalho). Enquanto *ser biológico* o homem é uma máquina que transforma alimento em energia, energia esta que é dispendida ou armazenada, e expele aquilo que não transforma em energia. Em latim "labor", antes de significar trabalho, significa sofrimento, dor, fadiga que se experimenta na realização de um trabalho. (Torrinha, 1942, p.460.)

Buscando interrelações na história, a autora demonstra que, antigamente, no mundo grego, a produção e o consumo de artigos essenciais à subsistência se efetivavam de forma reservada. Todas essas atividades eram desenvolvidas na intimidade dos lares onde os escravos realizavam o trabalho, cujo produto era consumido, privadamente, pelas famílias.

Existia, no entanto, uma forma de produção mais *nobre*, sem

a qual não se concebia um mundo humano de continuidade e de viver reconhecível: a obra ou o artesanato, atividade do homem como fazedor, o *homo faber*.

De qualquer forma o escravo não pode ser dado como exemplo de *animal laborans*, efetivamente, ele é um *homo faber*. O mundo do homem, enquanto criatura da natureza em busca da sobrevivência, do *animal laborans*, pode ser melhor exemplificado nos nômades, que ora se empanturram ora passam fome.

É interessante se notar como a sociedade pós-moderna ainda mantém os valores relativos ao trabalho como única forma de realização, sem no entanto equacionar quais as distinções existentes entre o laborar próprio do corpo e o trabalhar com as próprias mãos.

As expressões *animal laborans* e *homo faber* apresentam-se na literatura com utilizações diversas, porém, comenta Hannah Arendt, em suas obras, que não se tem um estudo sobre a distinção de ambas, que possa esclarecer os seus conteúdos, as suas propriedades.

Persiste sim, uma divisão, ainda que retórica e arbitrária, do trabalho produtivo e improdutivo, ou do qualificado e não qualificado, ou mesmo do manual e intelectual que em outros termos poder-se-ia caracterizar como trabalho e labor, apesar de ainda possuir restrições tanto intrínsecas quanto extrínsecas aos seus significados.

Labor e trabalho, sob uma tênue separação, correspondem às atividades do homem, concebidas diante de uma condição que se lhe apresenta como algo de vida.

Ambos, labor e trabalho, figuram e se referem às etapas que pontuam o ciclo de permanência do homem sobre a Terra, desde sua progênie até sua morte.

Nessa concepção, a interferência que ele pratica transpõe sua própria vida uma vez que se perpetua na continuidade de sua espécie.

Ao interferir na natureza, como *homo faber*; através de sua criação, transforma o mundo em um *habitat* repleto de objetos compartilhados que, ao mesmo tempo que o une aos demais homens, também o separa.

Através dessa trajetória, toda relação de proximidade entre o homem e os objetos passa a exercer intrínseca parte de um todo que é sua existência. “Os objetos não são as coisas, dados naturais; eles são fabricados pelo homem...” (Santos, 1997, p.90) e, nessa relação, tudo o que produz e cria passa a ser, se não sua vida, a condição para ela.

O que é construído pelas mãos do homem, fabricado a partir da materialidade da natureza, não se estabelece como algo a ser consumido, mas encontra no uso a possibilidade prospectiva de um mundo consciente.

Diante desse novo enfoque, compreendemos a relação estabelecida entre o produto do trabalho enquanto uso e do labor enquanto consumo.

Para Hannah Arendt, aquilo que se refere a uso, fruto sim do trabalho e não labor, criação das mãos do homem, tem durabilidade e não desaparece, apresentando apenas desgaste.

O consumo, ao qual o produto do labor se destina, é caracterizado pela não permanência e por apresentar-se como meio de subsistência para o homem. A sua tendência é a destruição.

Os objetos fabricados pelo homem apesar de sua durabilidade, podem também ser destruídos, não pela insistência de uso, mas sim quando o seu artífice o desejar. Ao mesmo tempo que os constrói

pode sentir o desejo de os destruir.

Apesar de não possuírem a mesma conotação, uso e consumo, a um só tempo contemplam similaridades, onde o primeiro se descortina como consumo de forma lenta, podendo também o segundo ter a durabilidade inseparável do uso. “O que os bens de consumo são para a vida humana, os objetos de uso são para o mundo do homem.” (Arendt, 1995, p.106)

Uma das abordagens expressas por Arendt, na identificação do trabalho relacionado com o labor, é demonstrada através do exemplo que descreve com relação ao cultivo da terra.

Ao mesmo tempo em que esse cultivo se principia como labor, por ser atividade essencial à subsistência, em sua seqüência já se apresenta como trabalho, pois, no decorrer do processo de preparo da terra, a reprodução contínua possibilitará a permanência e durabilidade que faz parte do mundo dos homens. Ainda assim, as particularidades intrínsecas entre o labor e o trabalho, evidenciam-se se analisarmos que, ao se lavar a terra, o resultado não será exatamente um objeto de uso. O que se produz, necessariamente, não permanece por si só, há necessidade de um movimento de continuidade para que se tenha a permanência, que é uma das características do trabalho.

Daquilo que se pode tanger, o que é mais perecível apresenta-se como indispensável à vida humana. Essa vida assume um significado distinto quando vinculada ao mundo para indicar o espaço entre nascimento e morte.

Relacionados a esse processo biológico, de crescimento e decadência, tanto o homem quanto o mundo estão presentes no movimento cíclico da natureza que por si só se repete, não tendo começo nem fim, assim como o labor.

Num processo de fabricação, no entanto, o fim é algo incontestável. O objeto construído é tangível e através de sua durabilidade poderá permanecer e compor o mundo humano, como artifício. Esse processo não necessita a repetição, que somente vai existir à medida que o homem, responsável pelo fabrico, aliar a esse a necessidade de aumentar sua produção, com a finalidade de ganho para subsistência.

O processo de repetição ao qual o trabalhador se viu impingido a fazer parte, tem também a conotação do labor que, na sociedade moderna, possui uma forma perversa que leva à impossibilidade de distinção entre o ritmo do homem e da máquina que opera.

Essa questão vem há muito como forma de imprimir maiores resultados nos processos de produção, fazendo dos instrumentos e outros artifícios condições imprescindíveis à produtividade.

O *homo faber* inventa os instrumentos que mecanizam o labor e que até certo ponto aliviam as tarefas do *animal laborans*. São esses instrumentos que criados ao bel prazer apresentam-se como características que identificam, por vezes, determinadas civilizações. Assim como os instrumentos tornaram-se de fundamental importância ao artesão, a máquina apresenta-se como condição imprescindível à existência atual.

O movimento corporal por ela substituído permanece durante todo o processo mecânico que desenvolve, no entanto, a partir do momento em que escraviza o homem e o submete as suas potencialidades, perde o seu caráter instrumental de facilitadora para a conquista da satisfação das necessidades humanas.

O *homo faber* fabrica as ferramentas para compor o mundo e não para auxiliar o sistema de vida do homem e isso leva ao questionamento sobre o impacto exercido pelas máquinas no mundo atual.

Para Hannah Arendt “a discussão de todo o problema da tecnologia, isto é, transformação da vida e do mundo pela introdução da máquina, vem estranhamente enveredando por uma concentração demasiado exclusiva no serviço ou desserviço que as máquinas prestam ao homem.” (1995, p.164)

Para muitos a máquina ocupa o lugar do mundo real, que nem sempre é suficientemente capaz de lhes fornecer as condições necessárias para uma vida estável e equilibrada.

Os instrumentos e ferramentas ainda que produtos do trabalho, para minimizar os esforços utilizados no labor, caracterizam-se como objetos de uso cuja finalidade ulterior é o aumento da produção para o consumo.

A fragmentação dos processos de trabalho, que teve a sua origem na Revolução Industrial, onde o labor foi substituído pelo trabalho, fez do produto condição para o consumo.

Na realidade, o *animal laborans* tem na abundância o seu sonho, pois o consumo é que sacia a sua necessidade. Marx “enaltecia o trabalho humano, que distinguia o homem dos animais e lhe permitia criar um mundo de abundância.” (May,1988, p.73)

Ao reconhecer, no entanto, que a potencialidade dos instrumentos da modernidade são efetivos para o consumo e para o ganho de seu sustento, o homem desconsidera toda e qualquer forma de atividade superior e importante, com as quais conquistaria a libertação, das amarras impostas pela sociedade do trabalho.

Sendo assim, a visão de atividade que atribui a todo o homem a liberdade, nada mais expressa do que a necessidade e a submissão que faz do consumo a precípua forma de subsistir.

Essa liberdade, pois, que apenas ocorre à medida da satisfação das necessidades, não será efetiva àqueles que buscam viver sob a égide dessas necessidades básicas e ou criadas pela produção de materiais de consumo satisfeitas.

Presenciamos assim, uma retração do indivíduo que, fora desse esquema mundano, não pode resistir às exigências da sociedade.

O *animal laborans* que se caracteriza por viver em grupo, alheia-se do mundo não participando da sua construção e nem das esferas públicas, ao contrário do *homo faber* que dela compartilha sem, no entanto, tê-la como esfera política.

Do que se conhece da história, o mercado de trocas, onde o *homo faber* demonstra os seus produtos é o espaço público que utiliza para se relacionar, poder negociar e sentir a sua valorização.

Com o capitalismo essa relação de barganha e troca permanece, porém algo se configura diferentemente, pois nem sempre quem ali se encontra são os próprios fabricantes dos produtos. Estão presentes nessa movimentação os donos das mercadorias, cujo comércio, inicialmente é ditado pelo *homo faber*, que após fabricar os objetos de uso, os faz penetrar no mercado de trocas como mercadorias.

Nesse momento em que os objetos se encontram na esfera pública é que eles passam a ter o seu valor, podendo então ser dito que não é o labor e nem o trabalho que lhes imputa isso.

Não se pretende discorrer, nessa reflexão, a respeito de toda a teorização com relação ao valor de uso e de troca, tão bem declinada nos estudos marxianos. Parece mais pertinente vislumbrar quais os rumos que o *homo faber* e o *animal laborans*, através de suas criações, conseguiram seguir.

O que nos apresenta o mundo atual é a ocorrência, em larga escala, de mudanças com relação ao trabalho, sua organização e divisão. O movimento progressivo da tecnologia acelerou esse processo, figurando, hoje, como mais um estágio de toda a evolução das invenções humanas, a automação. Com ela supriu-se a necessidade de mão-de-obra nos grandes sistemas de produção, crescendo assim, no índice de desarranjos sociais, o desemprego, que atinge altos níveis representando o dobro, em percentual, em relação há dez anos atrás. Trata-se de mais um estágio na evolução do *homo socialis*.

O homem encontra-se sem o trabalho estrutural, buscando outras formas de produção para acompanhar, assim, as transformações oriundas dos meios técnicos, científicos e informacionais.

A falta de perspectiva de um futuro promitente leva o homem ao isolamento, no qual suas experiências perdidas o fazem viver um mundo totalmente automático, em que até o pensar pode ser melhor realizado através de instrumentos eletrônicos.

O sonho do homem de desvencilhar-se do trabalho, através da construção de artifícios que propiciem a racionalização de suas tarefas, chega em parte a se concretizar. No entanto, não pode usufruir do tempo livre que conquista, pois não possui condições de partilhar dos bens que a modernização cria.

Aqueles que ainda participam do contingente dos empregados, vêem-se levados a deixar a sua individualidade, consentindo que a automação os paralise e os abandone numa inércia total.

Nesse artigo a abordagem dos conceitos labor e trabalho, sem se discorrer sobre a ação, atividade fundamental da condição humana, de certa forma dificulta entrever um futuro para a humanidade. No entanto,

em sua obra *A Condição Humana* Hannah Arendt faz com que se acredite na conquista da liberdade pelo homem, através do seu envolvimento e da práxis política que venha a exercer em seu meio.

É somente na esfera da estrutura da organização política que o labor e o trabalho podem ganhar uma nova dimensão para o homem moderno.

A partir da superação dos atos simples do labor e trabalho, o *animal laborans* e o *homo faber*, vivendo um processo complexo, em intensa e incessante atividade, absorvendo as mudanças e transformações que passam a ser a sua condição de vida, ajustam-se ao mundo real e dele descortinam as possibilidades não só de sobrevivência, mas de participação, decisão e liberdade que são próprias do ser humano.

Sabe-se que com a Revolução Industrial o trabalhador perdeu um pouco mais a sua capacidade arbitrária de desempenhar suas tarefas e passou a sujeitar-se ao ritmo imprimido pela máquina, extinguindo assim toda a necessidade de conhecimento do processo de trabalho, bem como das tomadas de decisão referentes a esse mesmo processo.

A alienação à qual é submetido, através da exclusão do poder decisório, ao mesmo tempo que deforma a realidade, faz do código autoritário que reprime a sua participação, mera e simples norma social.

O fato de não haver mais diferença no que faz, iguala todo homem. Sob esse aspecto, Hannah Arendt aponta que “é próprio do trabalho nivelar os homens”. (Arendt, 1995, p.13)

Talvez o que se deva questionar é tão somente se esse caminho de um processo vazio, desprovido de propósitos, calcado apenas no isolamento, no trabalho e consumo, pode vir a ser desviado.

Não se pretende com esses conceitos—trabalho e labor -

descharacterizar a capacidade do homem em reverter esses procedimentos, uma vez que ele prossegue com suas criações e construções.

A busca de uma nova ordem de comportamento com relação à liberdade revela as suas aspirações em transformar a realidade conforme seus próprios sonhos. A trajetória é difícil, mas não impossível para aqueles que conseguem entender que no freir das crises e das perdas é que se encontram as oportunidades e os sucessos.

A grandeza da obra de Arendt está em propiciar a reflexão teórica dos problemas do século XX, uma vez que a compreensão do que está ocorrendo nos faz criar sentido e transpor para a vida as nossas ações formais, concretas.

Os acontecimentos na esfera do trabalho, que mudaram o cenário da sociedade, através da desilusão do pós-guerra e do avanço da tecnologia, são observações teóricas de Hannah Arendt que, desde a década de 50, testemunhava preocupações com um porvir que hoje, para nós, se faz presente – a sociedade de trabalhadores sem trabalho, uma realidade totalmente tangível em todas as nações.

Abstract: *This article is based on Hannah Arendt's book "The Human Condition", written in 1958. When a high degree of automation is changing the nature of the work market, the ideas of Hannah Arendt are good benchmarks to understand what lays ahead*

Keywords: *Work; Labor; Consumption; Utility; Animal Laborans; Homo Faber.*

Referências bibliográficas

- AMIEL, A. *Hannah Arendt: política e acontecimento*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- AUGUSTO, S. Duas amigas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 jun. 1995. Mais!.
- CARVALHO, M.C.B. (org.) *Teorias da ação em debate*. São Paulo: Cortez, 1993.
- GORZ, Andre. *Metamorfosis del trabajo. Busqueda del Sentido. Critica de la razón económica*. Madrid: Editorial Sistema. 1991.
- MAY, D. *Hannah Arendt: Uma biografia*. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, 1988.
- KOSÍK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SANTOS, M.. *Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. 2ed. Porto. Gráficos Reunidos. 1942.